

RECITAL DE TROMPA

PAULO CORREIA

Salão Nobre da
Câmara Municipal de
Vila Franca do Campo

15 de Julho de 2020
18h30

Piano
João Espírito Santo

Orientação
Duarte Alves

João Espírito Santo
(componente teórica)



Robert Schumann

Adagio und Allegro, op. 70, para Trompa e Piano

Reinhold Glière

Concerto para Trompa e Orquestra, em Si bemol maior, op. 91

I. *Allegro*

Bernhard Krol

Laudatio, para Trompa Solo

-----INTERVALO-----

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para Trompa e Orquestra n.º 3, em Mi bemol maior, K. 447

I. *Allegro*

II. *Romance (Larghetto)*

III. *Allegro*

Robert Planel

Caprice, para Trompa e Piano

Robert Schumann

Zwickau, 8 de junho de 1810

Endenich, 29 de julho de 1856

***Adagio und Allegro*, op. 70, para trompa e piano**

Composição: 1849

Duração: c. 9'

Robert Schumann começa a compor este *Adagio und Allegro* a 14 de Fevereiro de 1849, completando a obra três dias depois. Só nesse ano, a que o compositor se referia como «o meu ano mais frutífero», Schumann compôs cerca de duas dezenas de obras significativas, para uma grande variedade de formações instrumentais.

Schumann, enquanto diretor musical da cidade de Dresden, ouvia regularmente o trompista Joseph Rudolph, primeira trompa da orquestra da ópera desta cidade e um dos principais expoentes da recém desenvolvida trompa de válvulas. Entusiasmado com as possibilidades do novo mecanismo, Schumann vai escrever aquela que é a primeira grande obra para trompa em Fá e piano, *Adagio und Allegro*, compondo, logo em seguida, *Konzertsüek*, para quatro trompas e orquestra. São peças concebidas para demonstrar as potencialidades da trompa de válvulas, explorando ao máximo os seus limites (chegaram a ser consideradas impossíveis de executar).

Os dois andamentos contrastantes – *Adagio* (originalmente *Romanze*) e *Allegro* – conferem à obra um equilíbrio formal particularmente bem conseguido e encarnam as emoções conflituosas do compositor. O *Adagio* - *Langsam, mit innigem Ausdruck* (lento, com íntima expressão) – profundamente introspectivo e romântico, funciona quase como um dos *lieder* de Schumann, com a trompa, explorando a sua extensão, a assumir o papel da voz. Segue-se um *Allegro* virtuoso e apaixonado – *Rasch und feurig* (veloz e ardente) – em forma rondó (ABACABA), que, antes de concluir, é interrompido por uma secção remanescente do *Adagio*.

Reinhold Glière

Kiev, 11 de janeiro de 1875

Moscovo, 23 de junho de 1956

Concerto para Trompa e Orquestra, em Si bemol maior, op. 91

I. Allegro

Composição: 1951

Duração: c. 11'

Em 1950, no Teatro Bolshoi, durante uma pausa de um ensaio do bailado *O Cavaleiro de Bronze*, Glière conheceu Valeriy Polekh, primeira trompa da Orquestra do Teatro Bolshoi, que lhe sugeriu que compusesse um concerto para trompa e orquestra. Glière começou assim a trabalhar na obra, dedicando-a Polekh, que um ano depois a estreou em São Petersburgo, com a Orquestra Sinfônica da Rádio de Leningrado, dirigida pelo próprio compositor. O concerto viria a tornar-se uma das suas obras mais conhecidas e apreciadas do repertório para trompa, com traços melódicos brilhantes, toda ela *cantabile* e *dolce*, em partes mais lentas, e com secções rápidas e mais técnicas que exibem deslumbrantemente a capacidade solista do instrumento. Glière também explora ao máximo o acompanhamento orquestral da obra, realizando belas intervenções da orquestra sobre a melodia da trompa solista e distribuições de uma mesma melodia por vários instrumentos, numa rica e romântica mistura tímbrica.

Ainda que Reinhold Glière o tenha finalizado em 1951, este concerto para trompa assenta, como toda a obra de Glière, na grande tradição sinfônica russa e no Romantismo oitocentista, seguindo o modelo do concerto para violino de Tchaikovsky.

Bernhard Krol

Berlim, 24 de junho de 1920

Ostfildern, 17 de abril de 2013

***Laudatio*, para trompa solo**

Composição: 1966

Duração: c. 4'

Bernhard Krol estudou composição e trompa em Viena com Josef Rufer, discípulo de Schönberg. Fez parte de inúmeras orquestras, como a Orquestra da Rádio de Estugarda ou a Filarmónica de Berlim. A sua música, algo influenciada pela linguagem tonal de Paul Hindemith e Max Reger, caracteriza-se pela clareza de melodias e harmonias, assim como por ritmos marcados.

Laudatio, uma das mais famosas peças para trompa solo foi composta em 1966 para o grande trompista Hermann Baumann, parceiro de naipe de Bernhard Krol. A peça, como o nome indica, funciona como um louvor – o motivo melódico baseia-se numa melodia de canto gregoriano, da sequência *Te Deum Laudamus* (Nós Vos louvamos, ó Senhor).

A peça, organizada em três grandes secções, está escrita sem barras de compasso o que, tratando-se de uma obra para trompa solo, confere ao intérprete uma grande liberdade. O motivo inicial, designadamente o intervalo de segunda menor que o compõe, vai ser um elemento preponderante, surgindo várias vezes ao longo da peça e criando uma atmosfera muito particular de meditação e de oração.

Na segunda secção, *grave*, encontramos a evocação do som de sinos de uma igreja. Na terceira secção, depois de um desenvolvimento rítmico e dinâmico que leva a um clímax, regressamos ao motivo inicial e a obra finaliza de forma solene, cadencial, em diminuendo até ao silêncio, numa conclusão plena de reflexão espiritual.

Wolfgang Amadeus Mozart

Salzburgo, 27 de janeiro de 1756

Viena, 5 de dezembro de 1791

Concerto para Trompa e Orquestra n.º 3, em Mi bemol maior, K. 447

Composição: 1784-87

Duração: c. 17'

De uma grande amizade cúmplice entre Mozart e o trompista Joseph Leutgeb nasceram os famosos quatro concertos para trompa do compositor. O Concerto n.º 3, em Mi bemol maior, dedicado a Leutgeb, tal como os outros três, foi aquele a que Mozart deu menos importância, não o incluindo sequer no seu catálogo. Curiosamente, é agora o mais conhecido dos concertos de Mozart para trompa.

Trata-se de um concerto clássico “puro”, com três andamentos e acompanhamento orquestral formado por cordas, dois clarinetes em Si bemol e dois fagotes.

A dificuldade deste concerto para o intérprete moderno não diz respeito propriamente à complexidade técnica da obra, uma vez que as trompas do tempo de Mozart eram as chamadas trompas naturais, em que o executante colocava a mão na campânula como forma de obter certas notas. No entanto, na sua aparente simplicidade, este concerto coloca desafios interpretativos de grande monta ao trompista. O executante tem, para além de entoar com fraseado perfeito as melodias, sempre com impecável clareza, de dar mostras de um grande carácter, quase exibicionista, como se assumisse o papel de um protagonista de uma das grandes óperas de Mozart, como *D. Giovanni* ou *A Flauta Mágica*.

Robert Planel

Montélimar, 2 de janeiro de 1908

Paris, 25 de maio de 1994

Caprice, para Trompa e Piano

Composição: 1958

Duração: c. 8'

Robert Planel estudou composição com Henri Büsser e Paul Vidal no Conservatório de Paris, tendo vencido o *Prix de Rome* em 1933. Depois de ter servido como chefe de banda durante a segunda guerra mundial, o compositor desempenhou um papel importante na vida musical do seu país, dedicando-se à promoção da educação musical (designadamente junto das crianças desfavorecidas), da música coral e da música contemporânea.

Este *Caprice* foi composto em 1958, como *morceau de concours*, isto é, uma peça encomendada especificamente para ser executada em provas do Conservatório de Paris. A obra funciona como um *puzzle*, com várias secções que se interligam de modo caprichoso, como o título indica. Inicia-se com uma espécie de fanfarra, *Maestoso*, alternando a partir de aí entre secções lentas e rápidas e terminando numa secção vibrante, *Plus vite*. O tema lento, *cantabile* e expansivo, exibe o charme típico da música francesa, enquanto o tema rápido, *allegro*, em tempo composto é uma óbvia referência às trompas de caça.

Planel combina de forma muito interessante piano e trompa, fazendo por vezes lembrar a música de Gershwin, ao contrapor a parte de piano, em compasso composto (6/8), à parte da trompa, em compasso simples (2/4). De resto, a parte de piano deve bastante à música popular e ao *jazz*. O resultado geral é uma mistura curiosa de uma peça típica de concurso, desafiando as capacidades do intérprete, com harmonias e ideias musicais originais.

Paulo Correia

Paulo Henrique Pimentel Correia, nascido a 16 de janeiro de 2001, em Vila Franca do Campo, na ilha de São Miguel, Açores, iniciou os seus estudos musicais na Banda Filarmónica Marcial União Progressista, aos 10 anos. Aí foram lançadas as bases que lhe permitiriam mais tarde, em 2012, ingressar no Conservatório Regional de Ponta Delgada (CRPD) na classe de Trompa do professor Duarte Alves.

Ao longo do seu percurso académico, participou em estágios de orquestra promovidos pelo CRPD, sob a direção de Javier Castro, Paulo Martins, Henrique Piloto e Rui Massena, e participou também num estágio de Música Contemporânea orientado por Joana Gama. Enquanto intérprete, realizou concertos com a Banda Militar da Zona Militar dos Açores, com o maestro Hélio Soares, com a Sinfonietta de Ponta Delgada ou Orquestra Sinfónica Juvenil de Lisboa, sob a direção de Christopher Bochmann. Foi, por duas vezes, selecionado para a Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música (OJ.com), onde teve oportunidade de trabalhar com o maestro José Eduardo Gomes. Frequentou *masterclasses* de trompa com José Bernardo Silva, Ricardo Matosinhos, Paulo Guerreiro e Kenneth Best e de Música de Câmara com Hugo Assunção e com Paulo Pacheco, seu conterrâneo de Vila Franca do Campo.

João Espírito Santo

João Espírito Santo estudou na Escola Superior de Música de Lisboa com o Professor Miguel Henriques (piano) e com a Professora Olga Prats (música de câmara). Concluiu o Mestrado em Ensino de Música, no ISEIT do Instituto Piaget de Almada, onde trabalhou com o professor Paulo Oliveira (Piano e Música de Câmara). Obteve o primeiro prémio de piano no Concurso da Juventude Musical Portuguesa em 1988 e, *ex aequo*, em 1990. Em 1993 participou, em Barcelona, no Concurso Internacional Maria Canals (Piano Juniors) onde obteve um “diploma de honra”. Participou em cursos de aperfeiçoamento sob a orientação de nomes como Helena Sá e Costa (Piano), Ketil Haugsand (Cravo) Gerhard Stäbler e Paolo Alvarez (Música Contemporânea), Filipe Melo (Jazz) ou Edwin Gordon e Richard Grunow (Pedagogia Musical). Leccionou no Conservatório Regional de Castelo Branco, na Escola Profissional de Música de Almada e no Conservatório Nacional de Lisboa. Trabalhou como pianista acompanhador na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco e exerce o cargo de pianista acompanhador no Conservatório Regional de Ponta Delgada. É licenciado em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa, tendo estudado um ano na Università di Bologna, ao abrigo do programa Erasmus. Publicou o artigo “*Elementos de Musica e Methodo de Tocar Piano Forte* de João Domingos Bomtempo: fontes e datação” na *Revista Portuguesa de Musicologia*, colaborou no projecto de gravação (pelo pianista António Rosado) e edição em partitura da integral das *Músicas Festivas* de Fernando Lopes-Graça e é responsável pela edição crítica de *Álbum do Jovem Pianista* de Fernando Lopes-Graça (Edições AVA, 2019).

Agradecimentos

Ao professor Duarte Alves, ao professor João Espírito Santo, e a todos os professores que me ajudaram durante o meu percurso. À Banda Filarmónica Marcial União Progressista, pelo suporte, que me permitiu entrar no Conservatório. À Câmara Municipal de Vila Franca do, na pessoa do seu presidente, Dr. Ricardo Rodrigues, e da Dr.^a Cristina Martins. Aos meus pais e familiares, o meu agradecimento sentido pelo apoio ao longo de todos estes anos.

